

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Dos motivos do suicídio

Se busca respostas, preclaro leitor ou leitora, ou mesmo “leitore” (pecunia non olet, lembra-se?), melhor parar por aqui, aviso com honestidade. Esse não é um livro de autoajuda, advirto. Trata-se, mais provavelmente, de um livro de alto autodesvirtuamento.

Coloquei-me ousada missão de parar de escrever apenas ao completar, no mínimo, 200 páginas. Para tanto, além de algumas, poucas, bem verdade, ideias minhas originais, terei que enxertar ideias de outros autores, filósofos renomados e também pensadores populares, entre outros... em suma, encher linguiça!

Desde a mais tenra infância interessei-me pela ciência, pelos cientistas, pela literatura, principalmente relacionada à realidade fantástica. Dessa maneira, afastar-me de Deus, mesmo com sólida formação religiosa (fui, desgraçadamente, coroinha por dois domingos, pois precisava de uma bicicleta nova, numa desonesta, admito, barganha com meu pai), não me foi tarefa muito complicada.

Ao adentrar o ensino médico, descobri, gratificado, que minha verve cética seria de grande valia naquela profissão.

Digo, com sinceridade, que sempre fui um apaixonado pela dúvida. As certezas, as odiosas certezas, sempre me causaram certo tipo de, digamos assim, náusea, vertigem, ou, melhor dizendo, “sempre fui um apaixonado pela dúvida, nunca pela desprezível certeza”.

Interessante, concorda? Admito, todavia, que essa frase não é de minha lavra. Procurei exaustivamente a referência, autor, cansei, não encontrei, então, tanto faz. Ao prezado leitor ou leitora se, eventualmente, souber a referência dessa esclarecedora citação, solicito a gentileza de escrever para o editor deste livro para a correção nas próximas edições. Reitero que, por motivos óbvios, não adianta escrever para esse, que já se foi.

Mas, dissertava eu a respeito dos autores de minhas influências literárias e que, no decorrer dos anos, ajudaram-me a moldar minhas ideias e pensamento crítico (muito crítico, por sinal). Jorge Amado, Camus, Machado de Assis, Oakeshott, Érico Veríssimo, Philip Roth, Carlos Zéfiro, Aldous Huxley, Fiódor (o velho e bom Fiódor Dostoiévski), Nietzsche, Umberto Eco, Raymond Aron, Kafka, Garcia Marques, Paulo Francis (o grande Paulo Francis e seu divertidíssimo sarcasmo) entre muitos outros. Vou parar de encher linguiça com autores, senão todos perceberão minhas inconfessáveis intenções, porém, principalmente, os filósofos modernos.

O Grande (dizem que devido ao tamanho avantajado de seu bilau) Bussanarola, filósofo popular inclusivo, progressista, “de esquerda”, antifa, defensor das minorias, dos silvícolas e dos demais povos das florestas e autor do laureado projeto de adição de ganja (apenas aquelas cultivadas para fins medicinais nas fazendas do MST) às águas das represas, com o intuito de desestressar as populações das grandes cidades e, também, Alfred E. Newman, prestigiado filósofo e pensador moderno, criador da luminar frase, a verdadeira definição do pensamento niilista, “Quem, eu me preocupar?”, que intimamente traduzi o valioso pensamento para “Foda-se, eu não me importo!” (com exclamação), tornando-se meu lema de vida.

Contudo, não Sartre. Sartre, jamais! Esse desprezível e encardido ser, com a sua renitente aversão ao banho, ao seu reconhecido fedor, “Ih, lá vem Jean-Paul”, exclamava o queixoso Picasso com seu delicado olfato, quando mal o fedegoso dobrava a esquina para o encontrar, juntamente com seus demais pares intelectuais nos concorridos saraus vespertinos no Café de Flore ou, eventualmente, no Café Les Deux Magots, em Saint-Germain-des-Prés, numa Paris charmosamente ocupada pelos bastardos nazistas (e sua afamada rotina pouco asseada). Descrito, historicamente, como um sebooso verme consequencialista, incorrigível marxista, renitente defensor dos hediondos crimes cometidos pelo comunismo contra seu próprio povo, tudo em nome do bem maior (em que a violência revolucionária pode se justificar) do ideal socialista.

Desprezível também sua famosa esposa, Simone de Beauvoir, colaboracionista na França ocupada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, feminista de fancaria, autêntica “mulher de malandro” que, além de “descolar” jovens moçoilas (algumas menores de idade, comentava-se à época) para o maridão, ainda se deleitava, apud futriqueiros d’antanho, quando aquele lhe descia o braço com gosto. Diziam aqueles maledicentes que reclamava, ressentida, quando as rotineiras surras não aconteciam.

Imagine, criativo leitor, um colóquio, uma acalorada discussão acadêmica na intimidade do lar desses filósofos luminares.

Ambos esgrimindo ideias filosóficas avançadas. Jean-Paul, descendo vigorosamente o braço na amada mocreia e berrando no charmoso idioma francês “Simone, putain” (Simone, sua puta). Dialeticamente explicando que a violência é justificada na luta

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

de classes para o inexorável avanço do socialismo. Beauvoir, por seu turno, notável existencialista, retrucando, através de sofisticado exercício dialético, “Apanho, logo existo”.

Além dos “progressistas” citados, não podemos nos esquecer (aliás, perdão, além de esquecer jamais tomar como exemplo de vida) do execrável Rousseau e seu “bom selvagem”. “O homem nasce bom”, mi-mi-mi, “a civilização o corrompe”, “torna-se mau”, mi-mi-mi. Caceta! Obviamente, assim como acontece nos tempos atuais, o ilustre canalha “iluminista” precisava fechar as contas no fim do mês, escrevendo os maiores despautérios para quem pagasse a maior soma em bufunfa, claro. Rousseau, homem de tanta fé na humanidade, não hesitou em abandonar os filhos pequenos à própria sorte, enfeitando-os, “afinal”, deve ter pensado o calhorda, a “humanidade é intrinsecamente boa, logo, algum bom humano cuidará das pobres criaturas”.

Ei-las. Algumas das mais sagradas vacas, ícones das “esquerdas”!

Voltando célere às razões do suicídio, primeiramente, devo elucidar ao caro leitor que não existe “um” único e evidente motivo que leve o potencial suicida ao ato final. Obviamente aqui, meu caro, referimo-nos àqueles que chamamos de “suicidas conscientes”. Não percamos nosso precioso e exíguo tempo analisando os “suicidas inadvertidos” que, sabidamente, são casos clínicos, nem os “suicidas inconscientes”, que se matam cronicamente sem atinar para o despautério de seus atos, tampouco para os infames “suicidas religiosos” que, além de descabido propósito, “louvar a Deus”, levam outros, inocentes, para sua improvável jornada rumo às 70?, 80?, 100?, “virgens”(será?) com TPM (bem feito!) no “Paraíso” (???). Para esses indignos, lanço uma “Maldição”: “Morte lenta e dolorosa aos suicidas religiosos, esses bastardos, e que suas carcaças putrefatas e insepultas ardam por mil anos nas chamas abrasadoras dos infernos e, sobretudo, que as ‘virgens’ a que, supostamente, fazem jus, permaneçam todas com TPM por toda a eternidade, atazanando-os para todo o sempre”.

Vamos nos ater à interessante e não completamente elucidada dinâmica dos suicidas conscientes. São um pequeno grupo, um número muito inferior de casos, quando cotejado com o número dos demais três grupos de suicidas já descritos. Ao que tudo indica, alguns dos candidatos a suicidas conscientes são pessoas mais cultas, mais inquiridoras, mais céticas, com um “entendimento” mais sofisticado da existência humana. Sabem da inexorabilidade do fim, entendem a irrelevância da continuidade da existência absurda, perderam a esperança, entretanto, sem se desesperarem frente à tediosa existência e seu inexorável final. Geralmente, não são pessoas portadoras de fé transcendente, sequer de fé secular. Muitos deles, porém, acreditam que o caos reina absoluto no Universo e que, de acordo com o acaso, o randômico Deus Acaso, contrariamente à divertida provocação de Einstein, “Deus joga dados”. Não há como descartar completamente nenhuma possibilidade; Deus não existe. Tampouco ter fé em “uma única”, exclusiva e específica possibilidade; Deus existe.

Um bom número desses candidatos a suicidas conscientes são cientes da impossibilidade da existência de Deus e, apesar disso, vários deles não consideram a possibilidade de afastarem-se completamente de Deus, pelo contrário, procuram caminhar, eticamente e moralmente, ao lado Dele. São céticos da existência de Deus, do Criador, do planejador universal, que supostamente criou todo o Universo, o homem e todos os demais seres vivos. Não creem, ademais, que a existência foi determinada pelos desígnios Dele, em que o Universo e os seres vivos se encaixam harmoniosamente, formando um mecanismo perfeito à imagem e semelhança Sua e que os homens de bem viverão ao Seu lado por toda a eternidade.

Fui herege precoce, confesso. Desde o início de minha adolescência, compreendi a impossibilidade da existência de Deus. Assumi, aliviado, depois de luta interna (nada hercúlea, admito), contra minha rígida educação religiosa, que o Criador era apenas uma criação da criatura e não o seu contrário. Meses após, finda essa refrega interna, fui acometido subitamente de transcendente epifania. Ao “enxergar a Luz”, pensei, “Eureca!”. Se Deus não existe, todos os pecados estão previamente perdoados, às putas, então – ainda não havia lido o velho Fiódor – contudo, infelizmente, com a mesada espartana que recebia, tive que me contentar, agora sem culpa, com o saudável hábito da seita de Onan.

Tornei-me convicto onanista.

Nunca, eu disse “nunca”, abandonei a fé, por assim dizer, onanista. Continuei fiel discípulo da seita de Onan por toda a minha existência.

Observo estupefato, nos tempos atuais, inúmeros processos judiciais, de mulheres contra homens, por assédio sexual, muitos verdadeiros, nos quais o assediador deve ser julgado e condenado sem dó nem piedade. Outros, entretanto, mentirosos, com o intuito apenas de prejudicar o acusado e (por que não?) ganhar algum numerário, algum dim-dim. Assim, não surpreende que o número de discípulos que cultuam Onan, seguindo a seita onanista, esteja aumentando rápida e exponencialmente. Advirto, contudo: a raça humana corre sério risco de extinção.

Ao abandonar a fé no Deus transcendente, firme na certeza de que o Criador foi criado pela criatura, acostumei-me, célere,

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

com os randômicos desígnios do Deus Acaso. Descrevo algumas de minhas tormentosas desventuras concebidas pelo Deus Acaso para que o caro leitor possa entender melhor como o pensamento suicida entranhou-se precoce e lentamente em minhas ideias e convicções.

Ao entrar na faculdade de Medicina, como sói acontecer à época, ganhei um carro de meu pai, um Chevette zero quilômetro para ir à faculdade e, também, por óbvio, para atos pecaminosos (que, afinal, não eram mais pecaminosos diante da inexistência de Deus) com a mulherada! Sempre gostei de mulheres. Esclareço que, à época, diferentemente dos tempos atuais, esses ditos “atos pecaminosos” aconteciam nos drive-ins (dê, por Deus, uma “googlada” e poupe-me de maiores explicações), no banco traseiro, preferencialmente, da dita viatura. Os poucos motéis que existiam eram estupidamente caros. Economizava, entretanto, uma razoável quantia da mesada para as raras ocasiões especiais neles, ao usufruir dos favores sexuais de moças, digamos assim, “portadoras de atributos físicos desconcertantes”, moças que um torpe machista, um desvirtuado porco chauvinista, definiria como “umas gostosas”. Foram várias e várias “lebres abatidas” (no sentido bíblico, entenda), no interior daquele Chevette branco que, passados alguns meses de entretenimentos voluptuosos, não era mais zero quilômetro.

Tudo corria bem, mais uma noite, mais uma “lebre”, todas as liberdades e liberalidades corriam soltas, quando, subitamente, a devassa (bem-aventurados os devassos, porque deles é o reino dos Céus) solicitou algo inusitado para esse pobre escrevente. Admito que, por inúmeras vezes, com várias parceiras nesses momentos lúdicos, passou-me pela cabeça a realização “daquilo”. Ademais, devoto do Deus Acaso e incorrigível otimista à época, no porta-luvas do Chevette, sempre havia um ou dois tubos de substância emoliente e lubrificante, indispensável para tornar “aquilo” mais confortável e menos abrasivo durante os movimentos póstero-anteriores, seguidos de movimentos ântero-posteriores e vice-versa alternada e rapidamente, se me entende.

Oui, mon cher ami! A moça prenhe de entusiasmo, entretanto, sem a necessária destreza nesses assuntos, assim como esse, à época, ingênuo rapazola, solicitou-me que a iniciasse no desafiador universo sodomita! Como negar? Surpreso, atônito e assaz curioso, aquiesci. Besuntei-a generosamente com movimentos circulares, por todo o, digamos assim, vous enfant, com a substância lubrificante, dando início à performance.

Antes de continuar com a narrativa, faz-se mister esclarecer ao incrédulo leitor alguns aspectos físicos e fisiológicos daquele ato sexual que deixaram marcas indelévels, um verdadeiro trauma psíquico, num pobre adolescente, trauma esse que carreguei durante vários anos e que renderam inúmeras sessões de terapia para o gáudio financeiro de minha querida ex-psiquiatria. Como já esclareci, além de nunca ter broxado – jamais faltaria com a verdade em assunto tão sério, juro por Deus –, fui abençoado pela divina providência com um bilau, uma estrovenga bastante, realmente bastante avantajada, acredite. Talvez maior que o imenso pingolim do vaqueiro e sanfoneiro Ambrósio que, segundo consta, foi solto da carceragem após o infeliz suicídio da esposa D. Leocádia.

Aqui um pequeno parênteses em respeito a você, leitor amigo, Homem de Fé, assombrado que está com o descomunal tamanho de meu genitálio e de minha lendária imbroxabilidade. Devo alertá-lo que há, lamentavelmente, uns poucos, bem verdade, leitores céticos, descrentes desse fato. É concebível, caríssimo, tal afronta? Alguns dos infames vermes creem, veja você, ser mentira que esse fato seja verdade. Outros bastardos, ademais, asseguram ser verdade que se trata de uma mentira. Esses céticos!

Feitos os devidos esclarecimentos, voltemos à desventura.

Acredito que a “parceira de vadiagem” (Deus, salve a vadiagem), após três doses de rabo-de-galo (procure no Google, por Deus), não tenha atinado muito bem para o tamanho do, digamos assim, “instrumento”, digno da amplitude de um colonoscópio rígido (“É a verdade, creiam em mim”, como pregaria um convicto ideólogo revolucionário) e da autêntica colonoscopia com tubo rígido, muito rígido, por sinal, (“Tenham Fé”, como pregaria, contrito, um Santo Homem de Deus) que ela estava prestes a ser submetida. Além disso, inexperiente, com a generosa quantidade de substância emoliente e lubrificante besuntada no vous enfant (olhando retrospectivamente, com os conhecimentos médicos mais consolidados que agora possuo, certamente naquele fatídico momento, ocorreu, na região do, digamos, rabicó da moçoila um “efeito supositório”. Você sabe a função do supositório, certo? Pois é...), mal iniciei a “colonoscopia” e foi aí que a “porca torceu o rabo”. Deu-se o pior!

Sim, amigo, exatamente a catástrofe que está imaginando. Sucedeu-se a liberação de todo o asqueroso conteúdo da ampola retal em, bem, você sabe sobre quem e o que. Nos momentos de desespero aprendi que se faltam palavras para descrever uma ignominiosa situação, cante. Não fui abençoado com o dom do canto, porém, a catástrofe despertou minha adormecida

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

veia poética.

Descrevi a desdita em versos que divido, em primeira mão, com o repugnado leitor:

Para Lennon e McCartney

Essa rima vem da alma, é sincera.
Traz angústias do passado,
De outra Era.
Tempos idos que voltaram
Nas memórias,
Como águas que passaram
O peito, a bunda, o xibiu
Percorrem a mente, num calafrio.
Será apenas um flato que partiu?
Não, a tristeza insiste, persiste, permanece.
Lembro de meu Chevette,
Da moça de nome Suzete,
Não a do crepe, que
Durante o ato obrou em minha chapelete.
Dito em tom menos formal, mais coloquial
Um tanto boçal,
A moça no ato sexual não usual
Debarreou no meu genital.
Desolado e de raiva rubro,
Descubro,
Meu refinado olfato não suporta
O pestilento odor de excremento.
Do Chevette me desfiz
Culpa de meu nariz.

Anos se passaram desde esse inolvidável trauma psíquico e, apesar das inúmeras sessões de terapia, mantive-me, digamos, sem entusiasmo para esse tipo de relacionamento.

Esclareço, por fim, que o assim chamado esfíncter anal externo, parte final do tubo digestivo, extremamente mal localizado, pois integrado espacialmente ao derrièrè feminino, este sim sítio de divertidas fantasias, estrepolias e contemplação, deveria, em minha prudente opinião, cumprir apenas e tão somente a função que a natureza lhe reservou.

Após desse pungente episódio no início de meus estudos acadêmicos, apesar de traumatizado, não me abati. Continuei diligente meus estudos na faculdade de Medicina e também, diligentemente, após as aulas, frequentando os divertidos estudos de anatomia aplicada do belo corpo feminino.

Mais tarde, já formado, filhos criados, situação financeira e emocional estáveis, sem desafios, ou melhor, com grandes desafios, entretanto, numa etapa em que se tornou mofino e inútil “remar contra a maré” ou “nadar no contrafluxo” quando nos grandes temas, naqueles que realmente importam, que poderiam, implementados, melhorar a vida dos mais necessitados e da população geral.

Observo políticos, “jornalistas”, “especialistas” e “cientistas” “jogando pra galera”. No lugar de discutir com o homem comum e a população geral, de maneira clara, verdadeira, honesta, os argumentos e fatos que esses “precisam” ouvir, conhecer, no afã, contudo, de ganhar engajamento, likes, ganhar grana, em suma, descartam a argumentação honesta e verdadeira.

Destacam apenas os argumentos que todos “querem” ouvir.

O exemplo da pandemia de Covid é cristalino.

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

O maior risco de óbitos, todos os estudos demonstravam, ocorria entre os mais velhos e aqueles pacientes portadores de comorbidades como diabetes, hipertensão arterial com comprometimento de órgãos-alvo, pacientes imunodeprimidos, transplantados, portadores de câncer, entre outros. As crianças e os indivíduos menores de 50 anos que não apresentassem comorbidades tinham uma chance de óbito muito, muito pequena.

O Brasil foi o país que mais tempo ficou com as escolas, do ensino infantil e fundamental, completamente fechadas em 2020, no mundo. No total, foram 178 dias de escolas fechadas, em 2020, contra 48 dias de média dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Brasil ficou 178 sem aula, o triplo, repito, o triplo da média dos países ricos, perdendo apenas para o Chile, Letônia e Polônia durante os 2 anos e meio de pandemia.

A “ciência” foi pautada pelos “jornalistas”: quanto mais catastrofistas eram as previsões desses “jornalistas especializados”, mais ganhavam espaço nos jornais e na mídia em geral. Esses tiraram a barriga da miséria de tanto vender jornais e espaços publicitários na televisão. Aqueles que ousavam tentar mostrar um outro lado (que as crianças deveriam, provavelmente, voltar às aulas, pois em vários outros países as aulas já haviam sido retomadas, mostrando, com dados epidemiológicos, que o risco era muito baixo tanto para os professores quanto para os alunos sem comorbidades) eram ridicularizados, execrados pelos “jornalistas especializados” e pela grande imprensa, taxados de negacionistas, “de direita”, eram sumariamente “cancelados”, julgados e condenados pelo tribunal da internet. Afinal, consumidores da mídia em geral, como professores em casa além de funcionários públicos e da iniciativa privada em “home office”, estavam ganhando normalmente seus salários sem trabalhar, com excesso de tempo livre, ávidos por notícias “sensacionais”.

Como os afrontar?

Como defender, ou mesmo expor, um argumento diferente, que desagradasse os “clientes”?

Melhor, obviamente, agradecer a freguesia.

Evasão escolar, quesito em que dados da Unicef mostraram que o Brasil regrediu duas décadas após o reinício das aulas, gravidez indesejada de meninas adolescentes, além do evidente atraso no ensino, foram as sequelas deixadas pela ganância e pela insensatez, ao “jogarem pra galera” não mostrarem, esconderem o outro lado. Publicavam fatos e argumentos que “os consumidores”, usufruindo da dolce vita, ganhando seu salário “no mole”, sem trabalhar, em casa ou em “home office” - rá-rá-rá- “queriam” ouvir ou ler, jamais os fatos e argumentos que “precisavam” saber.

Uma infâmia!

Sempre morei na cidade de São Paulo.

Desde meus 14 anos acostumei-me a ler diariamente os jornais impressos. Há mais de 30 anos, assinante dos dois, até então considerados, mais importantes jornais impressos do Estado São Paulo e do país. Após o vexame propiciado por ambos, na cobertura da pandemia, finalmente me libertei deles. Relativizaram a verdade e a ética, precisavam e precisam fechar as contas no fim do mês, afinal pecunia non olet, certo? Foram inapelavelmente capturados pelo Zeitgeist, o espírito desses nossos tempos insensatos. Retornando aos dois jornais que assinava, esclareço que tenho apenas dois cachorros de pequeno porte, da raça Jack Russel, por isso me livre, sumariamente, de um dos jornais, daquele que encolheu o tamanho de suas páginas. Imagine, leitor amigo, os responsáveis, os proprietários do periódico diminuíram o tamanho das páginas, o tamanho do jornal, com o intuito de economizar financeiramente utilizando uma menor quantidade de papel? Definitivamente não necessito das palavras, muito menos das ideias enviesadas. Necessito apenas do papel para as necessidades fisiológicas dos animais, logo, a maior quantidade de papel atende melhor às necessidades dos cãesinhos.

“Ora (dizeis) ouvir estrelas!” (obrigado, Bilac).

Ora, ora, ora!

Perdi o interesse nas palavras escritas naqueles pasquins, tornaram-se, apenas, palavras justapostas (hora criando fábulas, hora criando narrativas enviesadas) totalmente dissociadas dos fatos.

Ora, os fatos!

Nesse pântano, verdadeiro buraco negro, as ideias, conceitos e valores são sugados, desmantelados e reformulados, o sinônimo transmuta-se em antônimo e vice-versa.

Saúdo, contudo.

Felizmente, a sociedade civil organizada, através de um “judiciário progressista” (que “interpretará” as leis da maneira

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

“correta” a fim de guiar a população para o devir de paz, prosperidade e fraternidade), associado à “Imprensa Livre, Progressista”, definirão a “correta” interpretação dos fatos que serão levados ao povo.

A verdade nos redimirá. Apenas a “verdade” poderá ser veiculada.

Assim, doravante, o Supremo e apenas o Supremo, definirá se uma ideia ou mesmo um fato são corretos e verdadeiros.

Ademais, por ato monocrático de um dos “Supremos Sacerdotes”, será criado o “Supremo Tribunal da Verdade Progressista”.

Doravante as palavras, ideias e símbolos, em prol da paz e tranquilidade social, serão redefinidos pelo Supremo Tribunal da Verdade Progressista. A Sociedade, apaziguada pela Verdade definida pelos Supremos e difundida pela “Imprensa Livre, Progressista”, viverá a tranquilidade da “Pax Progressista”. Uma vida sem incertezas e sem dilemas, com justiça e prosperidade.

O “Manual de Redação” daquele que se intitula “a serviço do Brasil” será doravante nominado “A Cartilha Educativa da Verdade Suprema”, documento integralmente avalizado pelo Supremo Tribunal da Verdade Progressista.

“Cidadão brasileiro: evite cancelamentos, processos judiciais custosos e demorados ou até mesmo cerceamento da liberdade através de prisão, por propalar fake news ou ideias que não sejam as corretas. Não corra riscos desnecessários. Antes de emitir qualquer opinião, consulte ‘A Cartilha Educativa da Verdade Suprema’. Solicite já seu exemplar, in press, que em breve deverá ser retirado nos guichês do Ministério da Verdade Suprema”.

Continuando, mantive o outro jornal, pois com o desconto que obtive na assinatura, ameacei cancelá-la e... viva o capitalismo!

Melhor um freguês pagando pouco que um freguês pagando nada: diminuíram o valor da mensalidade quase pela metade.

Esse outro, que lia diariamente desde meus 14 anos, tornou-se um “jornal de nicho”, de gueto. Escrito exclusivamente para

um nicho de leitores, “infantis fregueses emburrecidos” que, assépticos, não querem dilemas, não suportam temas nem assuntos “difíceis”, controversos, que tenham várias interpretações, várias facetas, em suma, temas nos quais não existe “um lado certo” ou “um lado do bem”. Preferem a tranquilidade “das certezas absolutas”. Porém, trago uma má notícia:

infelizmente, não existem certezas absolutas! Seus jornalistas e articulistas portam-se como verdadeiros tribunais, propagadores das “certezas absolutas”, impolutos, sem nódoas, “de esquerda”, antifas, defensores de todas as causas progressistas, de todas “as causas identitárias”, apaixonados pela própria virtude, limpinhos.

“J’ accuse”, bradam iracundos. O outro lado? Ora, o outro lado! “O outro lado, a outra versão, não agradará os nossos fregueses. Certamente, não podemos afrontá-los nem desagradá-los, afinal, precisamos fechar as contas no fim do mês”,

pensam gananciosos com vaidade, desdém e preguiça. O outro lado, o lado dos torpes “fascistas”, será ouvido protocolarmente e suas infames alegações, transcritas no periódico, serão editadas, por óbvio, em nome da democracia, da liberdade de pensamento e da verdade. Para o bem, tudo para o bem, tudo em nome do bem.

Transformou-se, continuo, num jornal de gueto, de nicho, em que meus animais, prazerosamente, “debarreiam-se” e desaguam por sobre aquele amontoado de palavras sem crédito. Lucrei, pois a assinatura mensal do papelório ficou 20% mais barata que as fraldas descartáveis que utilizava para forrar o local onde os canídeos realizam suas necessidades fisiológicas, se é que o querido amigo me entende. Além disso, observo nos amados animais, uma preferência, na realização de suas necessidades fisiológicas, sobre esse esgoto travestido de “jornal”, pelos editoriais e, muito particularmente, pelos jornalistas e articulistas progressistas, defensores das “causas identitárias”.

Nicho, gueto... um jornal a serviço do gueto. Jornalistas e articulistas progressistas defensores das “causas identitárias”, capturados pelo espírito do tempo, de nosso tempo, ganância, no qual pecunia non olet, dinheiro não tem cheiro, e pelo ressentimento. Apenas ganância e ressentimento. Os identitários ganham dinheiro expondo sua chaga, o seu ressentimento e, num círculo vicioso, aqueles que não alcançam a fama e não ganham a grana que acham que merecem, ficam ressentidos e... la nave va.

Aquele velho, rabugento e sarcástico niilista que coabita as minhas carnes, lembra ao leitor que “todos” os – uns mais, outros menos – estudos científicos, artigos escritos por cientistas, sumidades ou mesmo por jornalistas, entre outros, estão irremediavelmente contaminados por fatores externos ao racional e às boas práticas, fatores externos esses ligados à miserável condição humana. Interesses acadêmicos, relacionamentos interpessoais, necessidade de provar um ponto de vista e, principalmente, interesses pecuniários, envenenam os artigos, os textos, as reportagens jornalísticas, os estudos.

Todos!

Imparcialidade e isenção não são atributos humanos.

O rabugento sugere, assim, um pouco do velho e bom ceticismo ao se defrontarem com afirmações eloquentes, opiniões categóricas, análises definitivas e certezas absolutas, supostamente baseados na “racionalidade” e na “ciência”, vomitadas

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

por cientistas ou jornalistas, ou qualquer outro cazzo, que se dizem “imparciais” e “especialistas” de ocasião, entre outros. Resignação ou suicídio, pergunto ao amigo leitor?

Como percebe, o pertinente dilema continuou a rondar meu inquieto espírito. Como não sei cantar tampouco tocar um instrumento, exceto o “instrumento de Onan”, recorri novamente à poesia, resignadamente, cometendo versos no lugar de suicídio.

Por sobre os jornais e os jornalistas

Na ânsia de vender
Até não mais poder,
Com preguiça, ganância
Vaidade e cobiça,
Ofende-nos o jornalista
Com manchete mentirosa,
Sensacionalista,
Do Prefeito, Governador,
Presidente, Senador...
Da pandemia, economia
Estampada no jornal
Logo ao nascer do dia,
Que agonia!
Entediado,
Arrumo desconsolado,
Caprichosamente, as folhas do jornal,
Lado a lado,
Camada por camada,
Dentro do canil.
Revolta juvenil?
Atitude infantil?
Será senil?
Ou apenas bipolar,
De quem quer tripudiar?
“Não, nada disso”, penso eu,
Afinal, por sobre notícia tão espetacular
Meus cachorros almejam cagar.
Exemplo 3

São inúmeros e intrincados os motivos que podem dar início ao pensamento e, posteriormente, ao ato suicida. Portanto, aquela expressão “Aristeu se matou porque sua mulher cometeu adultério e trocou-o por outrem” é imprópria e totalmente descabida.

Para provar meu ponto de vista, adentremos um pouco na mofina vida do Sr. Aristeu Mahs Turbano para podermos entender melhor as possíveis razões que contribuiram para a consumação de seu último e insano ato. Homem de 43 anos, corintiano convicto e onanista inveterado, Sr. Aristeu trabalhava no ramo de venda de planos de saúde. Aqui começam as primeiras e íntimas dissonâncias, disfunções cognitivas em Aristeu, entre “o que é” e “o que deveria ser”, pois, todos sabemos, que a empresa de planos de saúde, por intermédio do Sr. Mahs Turbano, vende planos de saúde enquanto nós, incautos consumidores, pensamos comprar um plano de doenças. Assim, enquanto com saúde pagamos mensalmente uma pequena fortuna para manter o tal plano de “saúde”, tudo corre muito bem entre a empresa e os consumidores, todavia, quando

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

ocasionalmente nos quedamos doentes e acionamos nosso plano de saúde para cobrir nossos gastos com a tal doença, somos desagradavelmente surpreendidos pois, nas letras miúdas do contrato, encontra-se explicitado que compramos um plano de “saúde” e não um plano de “doença” que, no caso, seria muito mais caro etc., etc., assim, nossa doença, por óbvio, não é coberta pelo tal plano de saúde.

Muitos intrincados e imbricados acontecimentos do cotidiano podem levar inicialmente ao pensamento suicida e, posteriormente, ao suicídio propriamente dito. Muitas vezes acontecimentos que disparam no homem comum o pensamento suicida não guardam relação com algum eventual acontecimento, um gatilho, que o leve à autoextinção, como veremos no exemplo do Sr. Mahs Turbano.

O desafortunado Sr. Aristeu, há meses, queixava-se de forte e incapacitante cefaleia que, além de prejudicá-lo no trabalho, comprometia seu bom, porém inexistente, desempenho sexual com sua esposa, D. Ludmila.

Não pretendo abusar da paciência do digníssimo leitor, enfadado que está, prestes a avançar ao final deste cartapácio, curioso que está com os preparativos finais de meu último ato, porém, cabe aqui pequena explanação da dinâmica do citado casal para que possamos entender as agruras e dissabores que podem ter dado causa ao ato tresloucado de Aristeu.

Casados há 26 anos, Aristeu tinha 17 e Ludmila apenas completara 16 anos quando das bodas, Aristeu empenhara Ludmila, sua primeira e única namorada, após ou durante o - aqui não há certeza - baile de carnaval, na noite que se atracaram, no afamado CEUCU - Club Esportivo Ubitatan Cesário Último, situado num típico e modorrento bairro da cidade de São Paulo onde ambos habitavam, estudavam juntos e eram vizinhos de apartamento em condomínio da região.

O pai de Ludmila, Sr. Zelão Gilófilo, dono do renomado Auto Posto Zero Bala, além de impoluto dignatário do ramo de Rinhas de Galo e venda de produtos de procedência duvidosa (“com certificação de origem garantida”, afirmava ele), convenceu, juntamente com 6 taludos cavalheiros, todos concessionários da venda de substâncias não inteiramente lícitas da região, o jovem Aristeu a contrair matrimônio com sua filha, esclarecendo ao rapaz que, além da neta órfã, seria muito triste para Ludmila enviuar aos 16 anos antes mesmo de casar-se.

Casaram-se, mudaram-se para um galpão próximo da casa dos sogros, no local onde Zelão criava seus famosos galos de rinha. Era um galpão confortável com todas as facilidades requeridas pela vida moderna: luz elétrica (obtida através de um gato, vindo da Rendez-vous, afamada casa de tolerância das cercanias, que os proprietários, os gentis e diligentes cavalheiros, os mesmos que recentemente haviam “convencido” o jovem Aristeu a desposar Ludmila, providenciaram, para o conforto do apaixonado casal Mahs Turbano) e água (extraída de um poço semi-clandestino, tornava-se relativamente potável com a adição de algumas gotas de creolina, para “matar os bichos”, elucidava D. Gracinda, prestativa sogra de Aristeu).

Havia, contudo, um pequeno inconveniente relacionado ao banheiro que ficava nas dependências do lupanar, obrigando os jovens a um périplo de aproximadamente dois quarteirões para a realização de suas necessidades fisiológicas.

Complicava-se a situação, pois o pobre Aristeu era portador de Síndrome do Cólon Irritável, o que, convenhamos, em várias oportunidades impedia-o de afastar-se por mais de cinco metros do, digamos assim, trono.

Importante uma pequena explanação sobre o distúrbio gastrointestinal de Aristeu Mahs Turbano.

Como todos sabem, Síndrome do Cólon Irritável é um doença do sistema gastrointestinal que causa quadros de diarreia, flatulência e cólicas abdominais em suas fases mais agudas e descompensadas. Cronicamente, nas fases pouco sintomáticas, o paciente apresenta grande aumento do peristaltismo, que significa o aumento da motilidade intestinal ou, vulgarmente, “tripa frouxa”. Devido a esse aumento do peristaltismo, o paciente apresenta inúmeros episódios de evacuações, 4 a 6 vezes ao dia, com fezes pastosas ou amolecidas, além da incoercível flatulência, a desagradável e fétida flatulência, o que, invariavelmente, torna o convívio social deveras turbulento. Em linguagem menos formal, mais coloquial, um tanto boçal (onde li isso?), o vulgo a define de maneira pouco elegante, porém, corretamente como doença do “come-caga-e-peida”, tal qual um tucano. Há, no entanto, controvérsias que versam sobre a assombrosa flatulência “tucânica”.

Pobre Aristeu! No o início da adolescência, 13 anos incompletos, fanho, magro, canhoto e desengonçado, apresentou considerável piora dessa enfermidade. Ao iniciar o ensino médio, durante as aulas, com suas frequentes, além de urgentemente necessárias escapadelas ao banheiro, somadas ao desagradável fedor de, com todo o respeito, ovo podre no entorno do franzino rapaz, tornou-se alvo de frequentes gozações, brincadeiras, agressões e sabotagens pelos coleguinhas de classe.

Discordo veementemente de Rousseau. Concordo parcialmente com Hobbes e Locke. Calma, amigo, não me refiro a Joe, Larry e Moe, lembra-se? Se não se lembra sugiro... sim, o velho Google!

O único pateta do grupo, Rousseau. O encantador de parvos.

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

Contemplando a pobre figura do adolescente Aristeu, o “Tucano” (uma cruel e maldosa alcunha), sendo maltratado, vilipendiado, pelos demais coleguinhas de classe, como concordar com Rousseau quando afirma que “O homem nasce bom e a sociedade o corrompe”?

Obviamente, no Estado da Natureza, descrito por Hobbes, que grassava no conturbado e agressivo – enchendo de porrada o mais fraco – convívio da petizada na escola, era evidente a falta de um Contrato Social – novamente, Hobbes! – regido pelo Estado que, além de garantir a liberdade individual, desempenhasse o papel de árbitro dos conflitos, como nos ensinava Locke, o pai do liberalismo. Com essas crianças, num território sem lei, sem a ordem e mediação dos conflitos pelos pais e professores (Estado), através de um “Contrato Social”, no Estado da Natureza em “estado puro” que se encontravam, observamos, contrariamente aos devaneios do “progressista” Rousseau, a “marca humana” (obrigado, Philip Roth!), as vísceras das crianças, as nossas vísceras expostas publicamente.

Indelévels traços da humanidade: violência, mesquinhez e intolerância.

Humanos. Abjetos animais rasteiros?

O homem nasce “mau”, a essência humana é “má”. Precisa ser “má” para se contrapor à agressividade da Natureza. Fome, sede, frio, calor, medo, amor, ódio, violência, intolerância. São traços da humanidade. Provavelmente, não fosse essa essência, estaríamos extintos juntamente com os infelizes dinossauros (com eles aconteceu outro problema, contudo). Nossos ancestrais matavam por comida e água. Dizimavam outras tribos em busca de escravos, mulheres, alimentos e “riquezas da época”, sejam lá quais fossem ou considerassem. Escondiam-se em cavernas fugindo de tempestades, frio, animais predadores e, principalmente, de outros humanos.

O “Estado da Natureza”. Hobbes.

A Civilização (Contrato Social) trouxe regras, afastamo-nos do comportamento “animal” com regras claras e leis que devem, ou ao menos deveriam, ser cumpridas por todos.

A civilização trouxe prosperidade.

A preocupação com a violência – do homem, “o lobo do homem” (Hobbes) – entre os humanos foi mitigada e a humanidade pode progredir e enriquecer, lentamente, admito, muito embora progredimos e enriquecemos. Convenhamos.

Com a civilização, através de um Contrato Social, não renegamos, por óbvio, nossa essência mesquinha, intolerante ou violenta, apenas a moldamos e a aplacamos. Civilizar-se é, assim, domar essa essência que não é nem boa nem má, mas apenas humana.

Voltemos, céleres, às desventuras do petiz que entrara na puberdade e, como sói acontecer nessa fase da vida, tornou-se um devotado seguidor dos ensinamentos de Onan. Recebeu, à época, como já citado, a elucidativa alcunha de Tucano, devido às características desse animal que, ao se alimentar, evacua concomitantemente. Ou, vulgarmente, “come-caga-e-peida” (desculpe-me pela redundante grosseria), como didaticamente os desajustados pirralhos explicavam detalhadamente uns aos outros.

Constrangido, humilhado, era constantemente “presenteado” com rolhas, penicos e rolos de papel higiênico, além de fraldas descartáveis. Certa ocasião, na sala de aula, em comemoração ao aniversário de 12 anos de Aninha, após consumir, gulosamente, meia dúzia de brigadeiros, alguns pirralhos inescrupulosos sabotaram-no, trancando a porta da sala e escondendo a chave, impedindo-o, dessa maneira de, desesperado, correr ao banheiro.

Catástrofe!

Esvaiu-se em (pedindo vênias ao amigo) bosta, ali mesmo, na frente de todos. Disse à época, rindo-se, jocosa, D. Sebastiana, professora de Ciências: “Caros alunos, como já ensinei, a matéria apresenta-se em três estados, sólido líquido e gasoso.

Entretanto, podemos observar empiricamente que a bosta, no caso de Aristeu, apresenta-se em quatro estados: sólido, líquido, gasoso e, como podem observar pelo recinto completamente borrifado, também em spray”.

Pobre e envergonhado Aristeu!

Fugindo daquela miserável vida de adolescente conspurcado, sentia-se em paz, à época, apenas nas aulas de catecismo, na paróquia da região, com o querido Padre Adamastor. Padre Adamastor, de seus 40 anos e bem apessoado, tinha o dom da oratória. Nas missas, nas aulas de catecismo, todos admiravam muito aquele eloquente e gentil homem de Deus. Seus sermões, seus ensinamentos, seus conselhos, sua bagagem cultural, sua experiência, seu espírito de liderança, mas, sobretudo seu jeito terno e carinhoso, encantavam a todos. Nutria sincera, sincera paixão pelas crianças, em especial pelos meninos. Após as aulas de catecismo, praticava pelada na quadra da igreja, com direito a sorvete para a molecada.

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

Interessou-se particularmente pela triste história de vida de Aristeu. Padre Adamastor teve grande influência na vida daquele jovem que iniciava a adolescência.

Esmiuçemos, detidamente, a história de Padre Adamastor.

Filho de um casal sem posses que frequentava uma pequena paróquia próxima a Porto Alegre, desde muito cedo, aos 14 anos, escudou o chamado de Deus. Foi encaminhado, pelos extremamente religiosos pais, ao Seminário Menor para se tornar padre. Foram treze anos de exaustivos estudos até se ordenar padre aos 27 anos. Passou toda a adolescência no seminário.

Adolescentes, apenas meninos, todos estudando juntos, praticando esportes juntos, rezando juntos, comendo juntos, dormindo juntos, tomando banho juntos, intensa produção hormonal, intenso contato íntimo, muito íntimo, com padres mais velhos, adultos, nosso Adamastor, desde cedo, foi acometido do assim chamado “Mal dos Clérigos”.

Evidentemente que não acomete apenas os clérigos. Algo semelhante também ocorria na Real Marinha Inglesa. Dizia, Sir Winston Churchill, zombeteiro, homofóbico, que os marinheiros ingleses gostavam de rum, chicote e sodomia. Relatos atuais, contudo, garantem que não gostam mais de rum.

Enfim, para pacificar o assunto, sepultando-o definitivamente, entendo que adultos, desde que consensualmente, fazem o que bem entendem e o que desejam da própria vida com outros adultos, nunca com crianças. “E ponto-final!”, exalta-se o rabugento.

Desde o início no seminário, com as jocosas e inocentes “brincadeiras” de “pega no meu terço que eu pego no teu crucifixo”, normalizaram para o ainda adolescente Adamastor, a infame depravação, “brincadeira”, como chamavam os homens de fé em Deus, adultos, com crianças.

“Pederastia na Sacristia”? Observo que um irado leitor acaba de acender sua tocha. Apague, contudo, momentaneamente, esse fogo. Aqui não há juízo de valor, apenas constatação histórica. Pederastia, muitos tem ojeriza à palavra, é um termo que vem da Grécia Antiga que significa o “relacionamento erótico sexual de um homem adulto com um menino ou meninos”. Dê uma googlada e apague sua tocha.

O fato é que Padre Adamastor, na idade adulta, continuou gostando de crianças, meninos, mais exatamente, no sentido grego, como relatamos. Além disso, à época, renhido simpatizante da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), de vertente marxista, ria-se às baldas, amigo, com “preocupação com os pobres e a libertação dos povos oprimidos”. Observamos uma evidente disfunção cognitiva do padre e de muitos católicos de então, que estavam com “um pé em cada canoa”. Fé transcendente em Deus e fé secular na Marcha Inexorável da História (com maiúscula) rumo ao socialismo, trarão o Novo Homem, criado à perfeição de Deus. Que barafunda! O cruzamento de duas fés antagônicas, entretanto, fé, gerando a Teologia da Libertação. “Semelhante”, diria o rabugento, “ao cruzamento do Saci-Pererê com a Mula-Sem-Cabeça”. Ocioso ressaltar que, assim como essas duas entidades do folclore brasileiro não existem, são apenas folclore, a Teologia da Libertação, de maneira idêntica, é apenas mais um folclore “das esquerdas”, somente um inconsequente ato de fé.

“Uma doutrina de otimismo cósmico que atribui uma inevitável perfeição, não pela observação, mas pela inferência da perfeição de seu criador... onde a perfeição humana surge como um dom divino...”, diverte-se Michael Oakeshott.

“A libertação ideal seduz os católicos de esquerda na medida que se exprime com termos tirados da tradição cristã. Seduz os existencialistas porque o proletariado parece oferecer uma comunidade mística a filósofos obcecados pela solidão das consciências. Seduz tanto a uns quanto a outros por guardar a poesia do desconhecido, do futuro, do absoluto”, escreveu Raymond Aron.

Seduz os existencialistas!

Completa ainda, Aron: “Não tenho certeza, porém, de que o fenômeno não tenha um significado que extrapole a área de Saint-Germain-des-Prés”, referindo-se à “fraseologia” revolucionária dos filósofos existencialistas. Além disso, dizia ser um fenômeno eminentemente francês a existência de “católicos esquerdistas”. Nos anos 1950, quando Aron escreveu “O Ópio dos Intelectuais”, não poderia imaginar que a “vanguarda do atraso” encontraria terreno fértil, 20 ou 30 anos depois, em nosso “paraíso tropical”, para prosperar e florescer, através da intelligentsia de alguns “miolos-moles” que acreditaram e difundiram essa excrescência denominada “Teologia da Libertação”.

Toma, Sartre... papudo!

Como já relatamos, Padre Adamastor, além da Teologia da Libertação, interessou-se particularmente pela triste história de vida de Aristeu. Frouxo, franzino e fanho, os terríveis três Fs que assombram os adolescentes, além de canhoto. Canhoto. Embora “agraciado” pela Divina Providência com os fatídicos três Fs, Aristeu era um rapaz “culto, de leitura”. Dedicava-se

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

vorazmente à leitura de todos os “livros” do famoso escritor, contista e desenhista da época, Carlos Zéfiro. Literatura proibida para menores, esses “livros”, “catecismos”, como eram conhecidos então, chegavam às suas mãos, literalmente, através de seu primo Geraldo, apelidado de MM, iniciais de “Meio Metro”, jovem de seus 19 anos, portador de nanismo (o apelido não guardava relação com o nanismo, sarcástico leitor, era relacionado ao tamanho de sua “benga”, gigantesca, segundo relatos dos usuários do vestiário da piscina do clube). MM era técnico de basquete da equipe juvenil masculina do CEUCU, posto que obteve por ser exímio estrategista, além de, bem relacionado, conseguir em primeira mão, literalmente, todas as recém-lançadas publicações de Zéfiro. Empréstava o “catecismo” ao primo Aristeu, com a promessa de que ele não rasurasse, tampouco “engomasse”, a publicação. Vale ressaltar, porém, que por uma questão hierárquica, a publicação passava por “todas as mãos” do time de basquete antes de chegar ao pobre Tucano. Assim, quando as recebia, estavam com suas páginas grudadas, suficientemente “engomadas”. Pela publicação, agora, imprestável, obviamente, todos culpavam o pobre Tucano, o último na escala hierárquica, a desfrutar da arte de Zéfiro.

Seu primo também o aconselhava a ser parcimonioso em suas atividades solitárias, pois, além do braço utilizado tornar-se desproporcionalmente mais musculoso em relação ao membro contralateral, como nos tenistas, explicava, poderia ocorrer ainda exuberante pilificação da palma da mão dominante, aquela utilizada para os prazeres individuais. A palma da mão pode ficar como a cabeleira do Sansão, explicava MM ao assustado Aristeu. Não Sansão, o personagem bíblico, esclareço, mas o salva-vidas da piscina do CEUCU. Sansão, o salva-vidas, moreno, alto e sarado, sempre foi careca como o Kojak (dê uma googlada, caso desconheça a história do famoso detetive). Possuía a mesma quantidade de cabelos de um ovo de galinha ou de uma bola de bilhar, careca, enfim. Repentinamente, todavia, apareceu com vasta e exuberante cabeleira, loira e cacheada, após uma semana num retiro espiritual em Cubatão. Explicava Sansão, aos incrédulos frequentadores da piscina do CEUCU, que fora contemplado com uma graça à promessa feita a Santo Antão no retiro espiritual, “um verdadeiro milagre desse santo poderoso”, afirmava contrito. Os mais céticos, contudo, acreditavam que, na verdade, Sansão comprara a prótese capilar “interlace” de D. Clotilde, filha de D. Argemira, falecida aos 97 anos, poucas semanas antes do “milagre de Santo Antão”, e que, antes de partir desta para melhor, a finada usava uma “prótese capilar” idêntica aos novos e exuberantes cachos alourados de Sansão. Discreta, entretanto, D. Clotilde jamais confirmou a história.

Além da culpa pelo pecaminoso ato “per se”, essa informação trazia grande carga emocional de ansiedade ao pobre rapaz. Nada relacionada ao aumento do braço. Poderia, no caso de aumento do braço, dizer aos curiosos que começara a praticar tênis, apesar de nunca ter jogado, ou entrado numa quadra, ou nem mesmo assistido pela televisão uma partida desse esporte. O grande incômodo, a verdadeira ansiedade, estava na possibilidade de exuberante crescimento de pelos na palma da mão. Como disfarçar? Pintá-los de acaju, fazer uma permanente ou simplesmente cortá-los? Após pensar durante dias, várias noites sem dormir, decidiu-se: usaria, sorratamente, o aparelho de barbear de seu pai e “barbearia” a palma de sua mão todos os dias, tal qual seu pai barbeava-se na face, obviamente.

Óh, Magnânimo Deus Acaso, o que fizestes com o pobre Aristeu?

No início de sua, digamos assim, “amizade” com o Padre Adamastor, nas aulas de catecismo, Aristeu estranhava a insistência do padre para que ele ficasse, após o término das aulas, para “juntos orarem ao Corpo de Cristo desnudo na cruz”, dizia grave, Padre Adamastor.

Tudo aconteceu rapidamente: do corpo de Cristo desnudo na cruz ao corpo de padre desnudo no catre, foi zãs-trás! O espírito do Tucano, contudo, “permanecia leve, não havia pecado”, explicava o padre, pois o santo homem de Deus, empoderado como representante de Deus na Terra, tinha o condão de tudo perdoar e tudo explicar. Não tinha motivos para se preocupar, inclusive com o crescimento de pelos na palma da mão, pois, como esclarecia Padre Adamastor ao aliviado Aristeu, a depilação que o padre realizava “naquela” região prevenia esse indesejável efeito colateral no jovem.

“Pega com vontade, sem medo, na Lança Redentora do Senhor”, gemia lascivo o padre. Tudo explicado, tudo perdoado, coração limpo, alma serena!

Por um ano, até completar 14 anos, Aristeu foi submetido aos abusos daquele “impoluto e santificado homem de Deus, legítimo representante da vanguarda progressista na luta de classes pela igualdade, fraternidade entre os povos e libertação dos oprimidos, além de lídimo representante de Deus na Terra”.

Corria o outono, quando certa tarde de temperatura agradável, o sol ameno timidamente desvelando as belas cores da estação, entrava sereno pela janela entreaberta do humilde aposento, local do catre de Adamastor, quando invadiu, violentamente, escancarando a porta, Gerusa, funcionária que cuidava da limpeza da igreja e dos aposentos dos religiosos, assustada com os altos e estranhos grunhidos que escutava vindos do interior do quarto.

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

“Uma cena do Velho Testamento”, relatou Gerusa, atônita.

O padre, desnudo, no chão, indefeso, em posição de “cata-cavacos” dizia ela, e o Tucano (sim, o Tucano!), sem as vestes, ajoelhado por detrás do santo homem, “e, e... não vi bem, entretanto, parecia que estava aplicando um violento corretivo no padre que gemia de dor e pavor”, explicou. Sim, amigo: Gerusa descreveu a cena que viu, iluminada pelo ameno sol de uma agradável tarde de outono. Fosse o radioso sol de uma manhã de verão, teria visto que o “corretivo”, de tamanho médio, relata-se, supostamente “aplicado” pelo Tucano era endereçado ao Marquês de Rabicó (assim que, carinhosamente, o padre se referia ao seu digníssimo “Vous Enfant”) do Santo Homem.

O escândalo que se seguiu, com a descoberta “dos abusos que o desavergonhado e impudico delinquente juvenil, Aristeu, deixava-se fazer com o pobre Homem de Deus, Padre Adamastor, que, solitário em seu catre, ao inocentemente receber para confissão dos pecados, o infame, vil, lascivo, o próprio demônio na pele de adolescente, caiu em tentação tal qual Cristo”. Após uma semana inteira, com pausa para o almoço, de minuciosa investigação, os “erros” de Padre Adamastor foram perdoados pelo Bispo da região, que culpou o “infame adolescente pelos pecados de lascívia carnal cometidos contra um probo homem de Deus”.

Padre Adamastor, pelos seus relevantes serviços prestados à comunidade, levando a radiosa luz e a palavra de Deus ao seu rebanho, evangelizando-os através da Teologia da Libertação nas CEBs, foi transferido para uma instituição religiosa no interior de Minas Gerais, que cuida de meninos adolescentes carentes.

Aristeu, “o infame adolescente abusador de padres”, confessou seus pecados após interrogatório conduzido pela diocese. O duro interrogatório (com ameaças de excomunhão, fogo e enxofre no inferno se não assinasse o documento de confissão) para o inculpar, ou melhor, restabelecer a verdade dos fatos, quais foram, os evidentes abusos praticados pelo adolescente contra o desafortunado padre, foi conduzido pelo “Tribunal dos Diáconos”, como fora descrito, entidade criada à época pelos clérigos, composto pelo Bispo, Arcebispo e quatro padres, progressistas, de moral ilibada, escolhidos a dedo pelo próprio Arcebispo.

Expulso da catequese e proibido de realizar sua Primeira Comunhão, “seus graves pecados serão perdoados por Deus se, e somente se, jamais contar o ocorrido para ninguém, nem mesmo aos pais – Deus tudo sabe, Deus tudo vê, lembre-se –, e, além disso, durante um ano, rezar o terço diariamente, na igreja local, sob os cuidados do Padre Christian”, grande amigo, confidente e “admirador” de Padre Adamastor.

A justiça foi feita, tanto a divina quanto a dos homens. Fez-se a justiça de Deus! O erro do desventuroso Padre Adamastor foi perdoado. O grave pecado do abusador e delinquente juvenil arrependido, Aristeu Mahs Turbano, também foi perdoado pela imensa Graça Divina. “A justiça dos homens não precisou ser acionada”, afirmou, categórico, o Arcebispo. “A Igreja de Deus jamais exigiria”, explicou o clérigo, “reparação legal nem mesmo pecuniária frente aos evidentes abusos cometidos pelo delinquente juvenil arrependido, Aristeu, Deus a tudo perdoa.”. Ademais, continuou o Homem de Deus, “um longo processo judicial tiraria de combate por meses, anos, nosso aguerrido e, evidentemente, inocente pároco. Temos a confissão formalmente assinada pelo delinquente”, continuou o Arcebispo, “a Santa Igreja e o povo oprimido pelo Capitalismo Selvagem e pelos patrões desprovidos de ética e de compromisso social precisam do combativo padre Adamastor para levar avante a luta pela Democracia, pela Verdade e pela Libertação das Classes Trabalhadoras”.

Essa é, meu amigo, a triste história, com toda a carga emocional, de um adolescente de aproximadamente 13 para 14 anos, portador de Síndrome do Cólon Irritável, constantemente bolinado pelos seus pares, indiferentes ao sofrimento do rapazola, “acolhido” pelo Padre Adamastor e que se casaria aos 17 anos e teria uma filha.

Como já relatado, Aristeu e Ludmila conheceram-se “melhor”, digamos, num baile de Carnaval em afamado clube da região, CEUCU, Club Esportivo Ubiratan Cesário Úrtimo. Ninguém entendeu o porquê daquele “enrosco” entre ambos.

Ludmila não era particularmente uma jovem bela, tampouco esbelta, outrossim, parruda, face de “lua cheia”, seios fartos, derrièrre muito avantajado, com pernas curtas e grossas, muito grossas. No baile de Carnaval, quando se conheceram “melhor”, saiu vestida “para matar”. Esvoaçantes cabelos azuis desgrenhados, unhas pintadas na cor roxo-martelada, meias arrastão com botina verde-oliva, camisa baby look de oncinha, de lycra, decotada, expulsando, toda a abundância de seus seios e pança, muito alvos, para fora da camisa apertada. Usava, ainda, shortinho cavado tamanho P, inviável para a magnitude daquelas nádegas tamanho Everest, que ao se agachar, dançando graciosa, “na boquinha da garrafa”, evidenciava, impudico, seu cofrinho, na verdade, no caso em tela, um gigantesco “banco central”.

Após meia dúzia de cervejas, algumas doses de Vodka Tijolov (pronuncia-se Tijolof), Rabos-de-Galo on the rocks, gin, conhaque, martini, Zulu 96 GL, e outras coisinhas mais, trombou com o franzino Aristeu e, após vomitar todo o conteúdo

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

gástrico por sobre o infeliz, arrastou-o pelos cabelos para a casa de máquinas da piscina do clube, desvencilhou-se das próprias vestes com furor, desembrolhou o pobre Aristeu e utilizou-se dele como se utiliza uma bala de menta. Embriagada, achou por demais estranha toda a situação, aquele corpo franzino, coisas estranhas em locais estranhos, falta uma coisa, sobra outra, entretanto, alcoolizada que estava, já que lá estava, no ponto que se encontrava, “vamos em frente”, raciocinou. Apenas no dia seguinte, após passar a carraspana, numa ressaca insana, desmoralizante, compreendeu o desatino. Acordou, ainda na casa de máquinas, sentada sobre alguém que, em asfixia e desespero, tentava desvencilhar-se, debatendo-se sob aquele pesado corpanzil.

“Aristênia!”, exclamou, alegre e efusivamente, Ludmila. Não, boquiaberto amigo, não era Aristênia. Debatendo-se sob aquela enorme massa de carnes, dentes, banha e ossos, estava Aristeu, o irmão gêmeo de Aristênia. Sim, clarividente amigo, pescou o problemático enredo. Ludmila e Aristeu, embora muito diferentes, tinham algo em comum: ambos gostavam de meninas. É necessária nesse momento, atordoado leitor, uma explicação sobre as estrepolias do randômico Deus Acaso, auxiliado luxuosamente por quantidade insana de álcool consumido pela moça, eufemisticamente esclarecendo, com índice de massa corporal acima de 35 Kg/m², bem acima, o que clinicamente significa que a grandona era portadora de uma entidade clínica conhecida por “obesidade mórbida”. Diria, sobre o incerto futuro da obesa mórbida, o Grande (relacionado ao imenso tamanho de sua “pistola sexual”) Bussanarola - filósofo pós-moderno, inclusivo, criador do aclamado projeto de lei, a ser votado em caráter terminativo no Senado Federal, que cria o Ministério de Procura das Causas Perdidas: “Essa só nascendo de novo”.

Sigo com a explicação.

Aristeu tinha uma irmã gêmea chamada Aristênia, como já esclareci. Não havia relatado, contudo, que ambos apresentavam compleição física muito parecida, apesar de um ser do sexo masculino, Aristeu, e outra do sexo feminino, Aristênia. Eram idênticos.

Aqui abro e fecho um pequeno parênteses, cético leitor, que não crê em tamanha semelhança. Acredite: vivenciei um caso que esclarecerá a dúvida do gentil comprador deste livro (aproveitando a oportunidade, solicito a você, gentilíssimo amigo ou amiga, que está gostando do livro, que presenteie algum amigo ou ente querido com um exemplar. O editor e a viúva agradecem penhoradamente).

Bem, voltando à semelhança. Quando cursava a faculdade de Medicina, um grande amigo começou a namorar uma colega de turma. Ocorre que essa colega de turma tinha uma irmã gêmea idêntica, que não cursava Medicina. Esse querido amigo, não sei ainda se infame cafajeste ou apenas “desligado”, tocava a campainha da casa da amada e a primeira das irmãs que aparecesse à porta ele, singelamente, pegava (“pegava” mesmo, se me entende o leitor agora esclarecido). Nunca, ninguém, jamais reclamou!

Tudo esclarecido, sigo.

Felizmente, Aristênia, apesar de irmã gêmea de Aristeu e idêntica fisicamente, não sofria da doença gastrointestinal, incapacitante para o convívio social, que acometia o desditoso irmão. Mesma altura, cor dos olhos, cabelos compridos, roupas semelhantes, jeitos de falar e andar, ao ponto dos próprios pais, eventualmente, confundirem-se... que dirá a alcoolizada Ludmila, em pleno Carnaval, “vestida para matar”, com uma paixão desenfreada, avassaladora, porém, não correspondida, por Aristênia? Com a vista turva pela paixão também pela, digamos assim, carraspana, agiu como a ensinaram no seu curso de Gestão nas aulas do supletivo: enxergou a oportunidade e agarrou-a! Agarrou a oportunidade errada, bem verdade, arrastando-a pelos cabelos para a casa de máquinas da piscina do CEUCU, Club Esportivo Ubiratan Cesário Úrtimo, descascando-a e utilizando-a como se utiliza uma bala de menta.

Ao acordar, prossigo, Ludmila, puxando atônita pela memória, embora estivesse sob efeito do álcool na fatídica noite, nos fragmentos de lembrança, vagamente se recordava que a bala de menta mais parecia um grande tubo de dropes de anis. Estava irremediavelmente sentada, pensava incrédula sobre Aristeu, o Tucano (isso explicava o odor de ovos podres que pairava no ar) e não sobre Aristênia, seu amor não correspondido.

Aristeu, embora asfixiado e roxo pela falta de ar, encontrava-se sereno. Nunca havia vivenciado uma noite de amor como aquela. Em verdade, nunca havia vivenciado, digamos, uma consumação carnal, um intercurso sexual com uma mulher. Suas parcas experiências sexuais baseavam-se, canhoto que era, com sua querida mão esquerda, com a santa mão direita, além do sacro Marquês de Rabicó (assim que aquele Homem de Deus carinhosamente denominava seu lasseado “Vous Enfant”) do Padre Adamastor.

“Pequei?”, questionava-se cheio de culpa Aristeu.

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

“Semeou-me, desgraçadamente, o tucano?”, desesperou-se Ludmila.

Obviamente o diálogo que se seguiu entre ambos foi tenso.

“Fedorento, o que fazes sob minhas nádegas desnudas?”, bradou iracunda Ludmila.

“Procuro meu aparelho dentário que perdi quando você, sôfrega, esfregava minha face contra sua genitália”, respondeu amedrontado o rapazola. “Custou caro, será que está lá dentro?”, indagou apontando o “local”, acanhadamente, o Tucano.

Sem responder, após uns safanões no franzino, Ludmila vestiu-se não sem antes ameaçar “aquele verme” de porrada se alguém soubesse do infausto incidente na casa de máquinas da piscina do CEUCU.

Ao vestir-se, lívida, encontrou o aparelho dentário de Aristeu enganchado, bem... nas suas partes pudendas... atirou-o contra o rapaz que, imediatamente, levou-o à boca, fixando-o entre os dentes.

Saíram sem trocar mais palavras.

ZeroBerto Eco

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

Comece a ler agora mesmo!

COMPRAR

Instagram

Twitter

Blog